

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília (RIUnB) pelo editor, em 22 de dezembro de 2014, com as seguintes condições: disponível sob Licença Creative Commons 3.0, que permite copiar, distribuir e transmitir o trabalho, desde que seja citado o autor e licenciante. Não permite o uso para fins comerciais nem a adaptação desta.

Authorization granted to the Institutional Repository of the University of Brasília (RIUnB) by editor, at December, 22, 2014, with the following conditions: available under Creative Commons License 3.0, that allows you to copy, distribute and transmit the work, provided the author and the licensor is cited. Does not allow the use for commercial purposes nor adaptation.

REFERÊNCIA

RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em San Francisco . **Série Antropologia**, Brasília, v. 237, p.1-23, 1998. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie237empdf.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

SÉRIE ANTROPOLOGIA

237

**O QUE FAZ O BRASIL, *BRAZIL*. JOGOS
IDENTITÁRIOS EM SAN FRANCISCO**

Gustavo Lins Ribeiro

**Brasília
1998**

O QUE FAZ O BRASIL, *BRAZIL*. JOGOS IDENTITÁRIOS EM SAN FRANCISCO.

Gustavo Lins Ribeiro
Departamento de Antropologia
Universidade de Brasília

Neste artigo privilegio a questão da(s) identidade(s) brasileira(s) em San Francisco pois ela condensa um grande número de dinâmicas e aponta para distintos percursos e indagações que podem estimular a imaginação de outros cientistas sociais. Baseio-me em pesquisa de campo, observação direta, participação em eventos e rituais, entrevistas, e em análise de material escrito, como notícias de jornais, panfletos e outros¹. Os imigrantes brasileiros em São Francisco são uma abstração. Na verdade trata-se de uma população diferenciada por classe social, status, gênero, origem regional (uma nítida maioria de goianos, por exemplo) e raça. No entanto, novas populações de migrantes em contextos interétnicos onde as marcações de diferenças sócio-políticas e econômicas são altamente informadas por ideologias étnicas e raciais, como é notadamente o caso norte-americano, tendem a ser percebidas e representadas de maneira homogeneizante.

De fato, os brasileiros em San Francisco, como qualquer população inserida em uma estrutura de segmentação étnica, vivem tanto em função das relações internas ao seu segmento, quanto em função das relações estabelecidas com outros segmentos étnicos. O trânsito constante entre experiências internas e externas ao segmento brasileiro, com os correspondentes jogos de imagens e estereótipos, é uma das fontes da criação de uma forte ambivalência cultural e identitária. Aqui, explorarei, no mais das vezes descritivamente, algumas das características centrais dessa nova experiência para os brasileiros. Existem cenários estratégicos para este tipo de análise, pois sintetizam mais expressivamente o drama da "intertextualidade cultural" (Albert 1995), podendo, frequentemente, ser locais propícios ao desenrolar de rituais.

Dos muitos cenários, com seus rituais, aquele com a maior visibilidade pública, o *Carnaval Parade*, será detalhado em seção à parte. Antes, porém, serão apresentados os cenários mais importantes para os meus propósitos. A ordem de exposição reflete o aumento da quantidade de pessoas envolvidas e da visibilidade dos cenários/rituais, tanto

1. A pesquisa de campo foi realizada em janeiro e fevereiro de 1996. Nela contei com a participação imprescindível de Flávia Lessa de Barros, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília e de Olívia Leão. Cristhian Teófilo da Silva, bolsista PIBIC do Departamento de Antropologia da UnB, transcreveu as muitas entrevistas realizadas e transformou-se em um interlocutor inicial. Agradeço ao ministro João Almino, então cônsul brasileiro em São Francisco, pela sua abertura e compreensão. Dedico este trabalho aos emigrantes brasileiros que, em situações muitas vezes precárias, contribuem para a construção de outros sentidos de cidadania e pertencimento à cultura brasileira.

quanto um continuum existente entre âmbitos mais privados e âmbitos mais públicos. Há que notar que os fluxos entre estes diferentes âmbitos são abertos, complexos e podem ser constantes ou intermitentes. Finalmente, se perceberá a ausência de cenários como exposições artísticas e seminários sobre temas brasileiros, relevantes para a divulgação do Brasil na Bay Area junto, por exemplo, ao público universitário, intelectualizado ou politizado, notadamente das duas grandes universidades da área, Universidade da Califórnia em Berkeley e a Universidade de Stanford. Eles não serão aqui considerados tendo em vista sua frequência esporádica e o fato de atingirem um número relativamente menor e menos diversificado de pessoas². O que deve ser mantido em mente é que nosso critério de análise volta-se não apenas para cenários de difusão da imagem do Brasil e dos brasileiros, mas também para rituais que tenham sentido claramente congregador da população migrante em sua diversidade, que sejam imediatamente funcionais para o estabelecimento de redes de solidariedade ou para a formação ampla de um sentido de "comunidade imaginada" em um contexto de relações interétnicas onde os brasileiros estão presentes como minoria³.

Cenários e Rituais de Afirmação da Identidade Brasileira.

Os brasileiros organizam, com frequência, **festas privadas** com diferentes objetivos: confraternizar, comemorar aniversários, apresentar novas pessoas às redes de amigos em San Francisco, despedir dos que voltam para o Brasil. Apesar do caráter privado e do número relativamente pequeno de participantes, estes encontros sociais têm um papel fundamental para a introdução de novas pessoas a redes de oportunidades e para a manutenção das identidades nacionais e regionais. São momentos de socialização de informações e da prática coletiva do idioma de origem. Aqui, na intimidade, se fixam muitos dos estereótipos de "como os americanos são" e "o que eles pensam do Brasil". Há que destacar a centralidade da "festa de despedida" no manejo da ambiguidade identitária em uma comunidade com alta rotatividade de pessoas que "ficam" e que "voltam".

Participamos de uma despedida em um bar dedicado a uma clientela "hispanica", no bairro latino *The Mission*, onde, durante as noites, salsa e samba convivem com ritmos africanos. A decoração era verde e amarela, e uma maioria de brasileiros e seus amigos americanos despedia-se, ao som de música brasileira, ao vivo e mecânica, de uma amiga que voltava a Goiânia. Para suas noites de sábado, dedicadas a "Batidas de Ritmos Latinos

2. Isto não deve ser entendido como uma diminuição de suas importâncias visto que, em geral, atingem formadores de opinião e membros da elite com alto poder de disseminação. Iniciativas de várias entidades se destacam nesta área. Além daquelas organizadas pelo próprio Consulado Brasileiro, estão as promovidas pelo *Brazilian Cultural Movement* e pela *Brazilian Students Association of Stanford University*, fundada em 1967 e "responsável pela divulgação das coisas brasileiras naquela universidade. Há vários anos ela organiza a Semana do Brasil, incorporada ao calendário oficial de eventos de Stanford, com filmes brasileiros, palestras, um jogo de futebol com estudantes de outros países e um carnaval" (*Brazil Today* no. 36, janeiro de 1993).

3. "Comunidade imaginada" aqui é uma alusão ao influente trabalho do historiador britânico Benedict Anderson (1991) que explora o poder estruturador de meios simbólicos e linguísticos (sobretudo da imprensa e dos livros) na formação de um sentido de companheirismo, comunhão e responsabilidade mútua entre os participantes de uma mesma coletividade nacional que se "imagina" como única.

e Africanos", o Bar El Rio anunciava "Orgias de Ritmos: Salsa, Reggae, Brasileiro, Soca, Funk, Haitiano e Outras Batidas".

Os bares, restaurantes e night-clubs são cenários importantes onde se processa a imagem do Brasil, através da sua música, dança, bebida ou comida. Não são muitos os locais brasileiros em San Francisco, cidade mundialmente conhecida pela grande quantidade e diversidade de restaurantes étnicos⁴. Seus nomes são frequentemente alusivos à origem dos proprietários, como o "Café do Brasil" ou o "Canto do Brasil", ainda que existam alguns mais inusitados como a "Taqueria Goiaz", uma fusão da maioria brasileira goiana com os mexicanos de *The Mission*. A Taqueria, um lugar simples e evidentemente de propriedade de um goiano, traz em seu cardápio na seção *Appetizers*, as indefectíveis coxinhas (alçadas, pelo repórter do *San Francisco Chronicle* em matéria sobre o "Canto do Brasil", datada de 13 de abril de 1994, à categoria de "croquete positivamente viciante"), junto ao "churrasquinho" (em português), e a *nachos* com *guacamole*. Da sua *Mexican Cuisine* saíam *burritos*, *vegetarian burritos*, *enchiladas*, *fajitas*, *tacos* e *quesadillas*. Da *Brazilian Cuisine* eram oferecidos vários pratos (todos listados em português) desde as feijoadas, do sábado e domingo; até a carne de sol, da segunda; muqueca de peixe, da terça; xim-xim de galinha, da quarta; galinhadas e peixes na telha - especialidades da cozinha goiana - da sexta e do sábado. Guaraná, cerveja Antártica e Brahma completavam o lado brasileiro da casa. Já na *Little Rio*, uma pizzaria localizada em área turística de San Francisco, bastante mais sofisticada do que a Taqueria e também propriedade de um goiano, entre as diversas opções de pizzas do menu (em cuja capa está uma bela foto da Salvador colonial) encontravam-se a Sônia Braga, Amazonas, Ipanema, Gaúcha, Copacabana, Carmen Miranda e Anapolina. Suas *Specialties* incluíam, igualmente listados em português, Frango Assado e Ao Molho, Bife Acebolado, Costelinha de Porco, e, nas sextas, sábados e domingos, a Feijoada Completa. O pastel ("a traditional Brazilian appetizer") aparece nas *Side Orders*, enquanto o guaraná ("a Brazilian soft drink with a sweet, fruity flavor") e as cervejas (Xingu, Antartica e Brahma) estão disponíveis quando "restrições à importação" não impeçam.

Já no "Canto do Brasil", além da Coxinha, Kebe (quibe), Bolinho de Bacalhau, Mandioca Frita, Galinha na Cerveja, Bobó de Galinha, Bife Acebolado e Pernil Recheado, encontramos de novo, a unanimidade dos pratos nacionais, a feijoada nos sábados e domingos. *Fay-ZHWAH-duh* ou *FEZH-wah-da* é, como de acordo com o *San Francisco Chronicle* (Sietsema 1994) e o *San Jose Mercury News* (Gemperlein 1994) deve ser pronunciado o "prato nacional do Brasil". Trazido para o país "por escravos africanos levados pelos portugueses a partir de 1538", é, de acordo com o cardápio do Canto do Brasil, a "tradicional especialidade brasileira" que servida "in a true brasilian (sic) style with rice, farofa (yucca flour) couve and CAIPIRINHA", deve, para o jornalista do *San Jose Mercury News*, ser comida "contra o pano de fundo de música brasileira", maneira segura de incrementar seu sabor.

Da combinação comida, música e dança, floresceu a casa brasileira mais conhecida de San Francisco, Bahia Cabana. É propriedade de um paulista que mudou para San

4. A publicação *Brazzil*, de Los Angeles, apresenta na lista *That's Brazilian*, do site da WWW, *The Brazilian Society-Brazilian Things Abroad*, nomes de 10 restaurantes e *night-clubs* da Bay Area: Bahia Cabana, Café do Brasil, Café Mardi Gras, Canto do Brasil, Cheiro Verde, Little Rio, Michelangelo Café, Nino's, Paulo's Juice Bar, Tropicália.

Francisco em 1982, desde então envolvido com restaurantes e shows e atento às particularidades do consumidor norte-americano. Durante alguns anos, este empresário chegou a ter três restaurantes em San Francisco que também apresentavam música brasileira ao vivo. No salão do Bahia Cabana, cercado de mesas onde pratos brasileiros e caipirinha podem ser consumidos, dançam brasileiros, americanos e latino-americanos. Os americanos, em particular, usufruem daquilo que representa o maior atrativo para eles: a energia dos brasileiros, liberada pela música e dança. Já os brasileiros têm um local para frequentar onde podem encontrar outros brasileiros (notemos que o estabelecimento tem um certo cuidado para evitar transformar-se em "botequim"). Para os brasileiros é um lugar onde também podem levar seus amigos estrangeiros, sobretudo americanos, para conhecerem "cultura brasileira" (comida e música).

No Bahia Cabana e em outros *night-clubs*, vários músicos e dançarinos, artistas brasileiros vivendo na Bay Area, encontraram e encontram lugar para trabalhar. No palco, mostram diferentes manifestações da cultura popular brasileira, maculelê, samba, pagode, capoeira, por exemplo. Músicos brasileiros de renome, como Elza Soares, Maria Alcina e Jair Rodrigues igualmente realizaram shows, maiores, que contribuíram para divulgar os *night-clubs*. O grande momento da vida noturna das poucas casas brasileiras foi em 1992, com a moda da **lambada** que atraía filas de frequentadores. O término desta onda representou, para os estabelecimentos, uma queda de frequência que só seria retomada por um período específico, a Copa do Mundo de 1994, o evento que mais concentrou brasileiros na Bay Area. De qualquer forma, a noite brasileira encolheu em San Francisco, a ponto de, no inverno de 1996, o Bahia Cabana oferecer uma combinação de espetáculos noturnos africanos e caribenhos, tornando a participação brasileira minoritária na sua programação. Contudo, para alguns músicos e dançarinos, o fim do período da lambada representou um alívio, cansados que estavam da redução das suas qualidades artísticas à pobreza rítmica e melódica e ao sensualismo explícito daquele estilo.

Sem dúvida, os artistas brasileiros residentes em San Francisco têm um papel fundamental na construção e reprodução de imagens do Brasil. Entre eles encontram-se artistas plásticos, fotógrafos, dançarinos e outros. Destacarei, aqui, apenas o papel dos músicos. A música brasileira atinge regularmente a um amplo público através de programas de rádio a ela dedicados e de frequentes espetáculos ao vivo. É também uma atividade da qual várias pessoas vivem em San Francisco (assim como da capoeira) e que atrai músicos norte-americanos para o seu aprendizado. Mais importante ainda são os já mencionados numerosos **espetáculos musicais** realizados por artistas locais, e, sobretudo, por super-estrelas brasileiras. Além dos nomes citados anteriormente, quando tratávamos dos *night-clubs*, já se apresentaram na Bay Area, Beth Carvalho, Caetano Veloso, Djavan, Elba Ramalho, Gilberto Gil, Ivan Lins, João Bosco, Jorge Ben-Jor, Milton Nascimento, entre outros. Os espetáculos que também atraem norte-americanos, são no mais das vezes organizados por brasileiros e representam momentos únicos para galvanizar a imaginação dos migrantes sob o mesmo guarda-chuva simbólico-cultural, a música, que os une verdadeiramente, naquelas horas, como uma comunidade que, em co-presença, pode se ver, se tocar, se conhecer. Assim, os brasileiros, dispersos em suas atividades cotidianas e imersos na ambiguidade da situação de migrantes, podem performar um ritual onde se encontram ao mesmo tempo reforçadas suas identidades nacionais e suas identidades de "brasileiros que vivem em San Francisco". De fato, os músicos brasileiros em *tournee* pelo exterior são uma das maiores fontes de manutenção e reprodução da identidade brasileira.

Dentre os cenários que os migrantes possuem para congregar e afirmar as especificidades de "ser brasileiro", encontram-se **templos religiosos protestantes**. Aqui destaca-se a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, com alguns locais de culto na Bay Area. O Centro Cristão Mensagem de Paz congrega o maior número de brasileiros nos seus cultos, realizados em San Jose e em San Francisco, e é liderado por dois pastores brasileiros, pai e filho, provenientes do Rio de Janeiro. O interesse do pastor mais jovem em realizar um trabalho nos Estados Unidos começou ao interar-se, ainda no Rio de Janeiro quando era tradutor de preletores americanos na sua igreja em São Cristóvão, da existência de "povos escondidos", povos não integrados à cultura americana e que desconheciam o evangelho. Dirigiu-se, então, aos EUA para trabalhar inicialmente com portugueses no vale de São Joaquim, na Califórnia. Uma vez que, ainda sendo muito jovem, não se encontrava plenamente habilitado para pastorear uma igreja, convidou seu pai, então missionário no Uruguai, que assumiu esta tarefa, mudando-se em 1981, com toda a sua família para a Califórnia. Passados alguns anos, já qualificado para exercer a função de pastor, o jovem religioso foi convidado para a Bay Area para atender a portugueses em Hayward. Logo verificou que a concentração da colônia portuguesa se dava efetivamente em San Jose, onde abriu, em 1985, um templo. Apenas em meados de 86, princípios de 87, começaram a surgir os brasileiros na sua igreja, atraídos pela nacionalidade do pastor e pela língua. Em menos de dois anos, e em consequência do aumento da população de migrantes, os brasileiros tornaram-se a vasta maioria dos seus fiéis. A igreja hoje orienta-se para a realidade dos migrantes.

Poder se expressar e orar em português, dar testemunho de problemas cotidianos que são por muitos compartilhados (tais quais as relações com seus patrões americanos, as tensões próprias de ser estrangeiro e indocumentado, as decepções entre o sonho de fazer a América e as dificuldades do dia-a-dia, a saudade da família, dos amigos, do país) e ser compreendido por pessoas que atravessam ou atravessaram situações idênticas e que, além do mais, estão potencialmente dispostas a cooperar, são fatores que potencializam a atração da igreja enquanto locus específico de reprodução da identidade do migrante brasileiro. Na igreja, amigos são feitos, relações afetivas se estabelecem e empregos podem surgir. Uma população de trabalhadores que enfrentam longas horas de trabalhos duros (realizados muitas vezes em horários incomuns), distante de suas redes de parentesco e de amigos, da sua língua e cultura, uma população na maior parte das vezes formada por pessoas em situação clandestina frente às autoridades norte-americanas, encontra, na igreja e nos cultos, a possibilidade de sentir-se parte de uma comunidade de semelhantes que lhes traz segurança face a um contexto essencialmente inestável e estranho.

A igreja é um dos poucos âmbitos públicos, senão o único, em que uma ou duas centenas de brasileiros podem se reunir e sentir que são parte de uma comunidade onde homens, mulheres e crianças de distintos segmentos sociais encontram-se sem a atmosfera aberta de competição, comercialização e hedonismo que caracteriza outros cenários públicos e que certamente afasta a muitos. A não ser pelo óbvio uso do português, é um cenário não marcado explicitamente por símbolos ou rituais nacionais como é o caso das Festas de São João, do Campeonato de Futebol, da Celebração de Sete de Setembro e do Carnaval, que passamos a explorar.

Dentre os que denominamos de "grandes cenários", as **Festas de São João** são os menores e, provavelmente, os menos estáveis e frequentes. Em finais da década de 80, uma Festa de São João foi organizada por brasileiros de uma ONG ambientalista norte-

americana para levantar fundos para uma campanha em benefício de lideranças do movimento indígena organizado no Brasil. Rapidamente, a rede de amizades de vários brasileiros foi acionada para garantir o sucesso do evento. Tratava-se, ao mesmo tempo, de uma forma de congregar, angariar fundos e identificar quem tinha sensibilidade para o problema sócio-ambiental brasileiro na Bay Area. Foi realizada com o mesmo formato por alguns anos, com a participação de 200 a 300 pessoas. Além do quentão, pé-de-moleque, pão-de-queijo, quadrilha, fogueira, tudo o que fosse típico de festas juninas, existiam umas poucas barracas com panfletos e informações concernentes tanto à ONG patrocinadora quanto a questões sócio-ambientais. As comidas e bebidas eram doadas e o trabalho dos organizadores voluntário. Desta forma, os brasileiros que, em ONGs na Bay Area, atuam politicamente sobre questões vinculadas ao Brasil - em geral problemas como meninos de rua, populações indígenas e desmatamento na Amazônia - podiam ter o melhor de vários mundos: congregar amigos brasileiros e americanos, arrecadar fundos, difundir suas causas e participar de festejos juninos a muitos milhares de quilômetros dos arraiais tropicais. Mas, diante das pequenas quantias angariadas, muito do que prevalecia, na verdade, era a necessidade de "extravasar a vontade de participar", ainda que de longe, nos problemas do país. Trata-se de um sentimento típico do caráter biforme da cidadania do migrante, algo que podemos afirmar ser a base sobre a qual se apóia um sentido incipiente de cidadania transnacional⁵. Outras Festas de São João existem na Bay Area, como as organizadas, desde 1993, pelo *Bay Area Brazilian* (sic) *Club*, em casa particular, e que atraiu em 1995, por exemplo, cerca de 300 pessoas, a esmagadora maioria composta de brasileiros⁶.

Impossível dissociar o Brasil do **futebol** e a Bay Area da Copa do Mundo de 1994. Assim, ainda que de certa forma possam parecer tangenciais para os nossos propósitos aqui, se fazem necessários alguns comentários sobre a Copa de 94, quando milhares de torcedores brasileiros acompanharam a seleção brasileira sediada em Los Gatos, no condado de Santa Clara, transformando o campeonato em evento primordial na construção da "intertextualidade cultural" brasileiro-americana. Foi, sem dúvida, um momento único na difusão de imagens do Brasil e dos brasileiros. Jornais da Bay Area, como o *San Jose Mercury News* e o *San Francisco Examiner*, publicaram várias matérias, algumas com fotos de torcedores entusiasmados e mulheres de biquínis com fantasias de carnaval, uma delas empunhando a bandeira nacional. Muitas alusões à alegria, espontaneidade, dança, batucada, samba, lambada na porta do estádio em Stanford e à falta de compreensão da segurança dos eventos, preocupada com o possível uso dos instrumentos de percussão como armas em conflitos de arquibancada. O comportamento pacífico da multidão, que surpreendeu o xerife de Santa Clara, motivou momentos de reflexão tanto para migrantes brasileiros (por exemplo, uma carta de uma residente há 23 anos nos EUA, reclamando da

5. Basch et al (1994) exploram esta temática, ainda que sob outro ponto de vista, com relação aos migrantes haitianos, granadinos e filipinos que vivem entre os EUA e seus respectivos países, tendo, progressivamente se transformado em importantes forças políticas em ambos os lados dos fluxos migratórios de que fazem parte.

6. O Clube do Brasil, de San Jose, organizou, em junho de 1993 uma festa junina para os seus sócios. O Projeto Brasil do *International Child Resource Institute*, organizou, no mesmo ano, uma festa "julina", no *Stern Grove Park*, em San Francisco (*Brazil Today*, no. 44, 2a. quinzena de julho de 1993). O *Brazilian Center for Cultural Exchange* realizou outra festa "julina", desta vez em Palookaville, no condado de Santa Cruz, em 1995 (*Brazil Today*, no. 79, 2a. quinzena de julho de 1995).

falta de liberdade e da repressão sobre os brasileiros por parte da segurança americana, *San Jose Mercury News*, 23.6.94), quanto para os americanos. Vejamos a matéria "Fãs americanos têm uma lição a aprender dos brasileiros", publicada no *San Jose Mercury News* de oito de julho de 1994, onde a jornalista menciona alguns distúrbios e prisões feitas em Los Gatos, após o jogo de Quatro de Julho, apenas para concluir que os envolvidos nestes acontecimentos eram todos americanos. Alguns dos trechos mais significativos: "observei um grupo delirante de brasileiros descendo a avenida Santa Cruz em Los Gatos, segunda à tarde, batucando e cantando ao passarem frente a uma loja de roupas: 'Gap! Gap! Nós te amamos Gap! Feliz dia da liberdade, America! Brasil é número 1!' Como se pode temer violência de pessoas como estas? (...) Desafio uma multidão massiva de americanos loucos por esportes a se reunirem para uma noite de grande farra sem que cometam violência e destruição. Porém, os fãs brasileiros conseguem fazer isto noite após noite. (...) Alguns brasileiros pareciam ofendidos quando notaram policiais descendo as ruas de Los Gatos à procura de problemas. 'Só estamos felizes', me disse um deles. 'Por que isso é tão ruim?' Sim, meus companheiros americanos, realmente, por quê?" (Hutchinson 1994).

Além do momento extraordinário de difusão de imagens do Brasil associado à Copa do Mundo, o futebol contribui em formas mais pragmáticas para a reprodução dos migrantes brasileiros. Pode se tornar uma fonte de renda, como demonstrado pela existência do *Total Soccer Institute*, de San Mateo. Porém, é mais importante aqui destacar que os brasileiros em San Francisco organizam **campeonatos de futebol** onde podem celebrar um sentido de comunidade de migrantes no exterior. Igualmente realizados em parques públicos, como o *Brazil Today-Varig Soccer Cup '92*, no *Corte Madera Town Park*, do condado de Marin, poderia se esperar, a princípio, que os campeonatos fossem acontecimentos quase que exclusivamente masculinos. Mas o público destes eventos passou a abranger, paulatinamente, mulheres e crianças, transformando os jogos em encontros de dezenas de famílias que aproveitavam para confraternizar em piqueniques, churrascos e cervejadas. O jornal *Brazil Today* (no. 32, outubro de 1992) assim descreve o piquenique, organizado pelo *Bay Area Brazilian Club*, durante as finais do campeonato daquele ano: "Houve um cuidado especial com as crianças que contaram com duas recreacionistas e muitos prêmios para as atividades programadas: corrida de sacos e jogo de peteca. (...) Quanto aos adultos, foi um surpreendente encontro de velhos amigos. Havia gente dos mais variados lugares. Compareceram pessoas que residem na Bay Area há vários anos, mas estavam afastadas desse tipo de convívio social com outros brasileiros". No *IV Bahia Restaurant Soccer Tournament 94*, times como o "North Beach Pizza" jogaram contra "Mozzarella Di-Bufala Pizzeria" ou o "Tucano's Travel" versus "Bahia Restaurant"⁷. Os campeonatos de futebol mostram que o envolvimento de um emergente empresariado brasileiro com as atividades congregadoras não se resume ao patrocínio e apoio às diversas iniciativas. A importância do futebol na construção da identidade do brasileiro e na criação de formas de identificação com um coletivo imaginado é bastante assentada na literatura das ciências sociais. No exterior, seu significado expande-se, pois possibilita a existência de mais um cenário para o processamento de um sentido de coletividade nacional em um contexto onde os brasileiros são uma minoria étnica.

7. Apesar de patrocinado por um restaurante baiano, o campeonato de 1994 refletia a realidade brasileira em San Francisco onde as pizzarias representam uma das mais importantes atividades econômicas dos imigrantes (Ribeiro, 1988). Dos oito times que dele participavam, cinco eram de pizzarias.

A idéia de pertencer a uma nação também é altamente elaborada através de símbolos e rituais próprios do Estado-Nação. Em San Francisco, a partir de 1992, é celebrado o **Dia da Independência**, em um grande palco montado na principal praça pública do centro da cidade, a *Union Square*. Aqui participam a representação oficial brasileira, seu Consulado, e grupos atuando com a cultura brasileira, com destaque para o *Bay Area Brazilian Club*, cuja nova fase de atuação começou com a organização desta atividade. É fato que há características típicas de cerimônias oficiais - o evento é aberto pela mais alta autoridade brasileira na área, o Cônsul Geral, e o Hino Nacional é cantado - mas, trata-se sobretudo de um espetáculo cultural. Em uma clara demonstração das interconexões entre os diversos cenários de afirmação da identidade brasileira em San Francisco, vemos não apenas o envolvimento de artistas, músicos, capoeiristas, dançarinos de grupos de carnaval, mas também uma ligação entre a primeira comemoração da Independência brasileira e o sucesso do piquenique realizado durante o campeonato de futebol anteriormente mencionado, em 11 de outubro de 1992. Uma interpretação para o "surpreendente encontro de velhos amigos", naquele piquenique (veja acima), foi o ânimo gerado entre os brasileiros pelo "sucesso e a boa repercussão do evento do Dia da Independência" (*Brazil Today*, no. 32, outubro de 1992)⁸. De fato, realizado na hora do almoço em um dos locais mais movimentados da cidade, o evento atraiu a atenção da mídia local e foi visto por milhares de pessoas.

O convite para a celebração, publicado em inglês no *Brazil Today* (no. 29, Setembro de 1992), tinha os seguintes termos: "Junte-se à Comemoração do Dia da Independência Brasileira. O *Bay Area Brazilian Club* convida você para comemorar em 9 de setembro na Union Square, San Francisco, das 12 à 1 e 30 da tarde. Conheça o Rei e Rainha que atualmente reinam no Carnaval de San Francisco. Com eles estará uma mistura exótica de dançarinos, músicos, cantores e performers tocando juntos num show colorido e excitante que exibirá canções folclóricas e danças no coração de San Francisco. Apresentam-se: Escola Nova de Samba (Vencedora do Carnaval de Rua de San Francisco, em 1992); Ginga Brasil; Fogo na Roupa; Samba, Swing & Suor; Oxumaré; Aquarela; Orixababá; Benny Duarte; Urubu & Low; Neusa Brown; Lisa Silva; Marcos Santos; Roberto Lima. Agradecemos aos que tornaram esta comemoração possível: Bibbo na Union Square, Interdesign, Chambord Restaurant, Fiesta Travel, Eunice's, Santini Tours, De Paula's Restaurant Brasil, Editours, Brazilian Fruit Basket, Rajah Tours, Mr. Pizza Man and Pizza Americana, Bahia Tropical Night Club. Direção de Célia Malheiros. Patrocinado pelo *Brazil Today*, o jornal brasileiro, Varig e BASO (*Brasil-America Social Organization*)".

No ano seguinte, 1993, a Prefeitura da cidade de San Francisco e o Consulado juntaram-se formalmente ao grupo de patrocinadores e a comemoração da Independência

8. Cabe apenas lembrar que 1992 foi um ano especial para todos os brasileiros, não apenas para os residentes no exterior, em geral, e os da Bay Area, em particular. No dia 29 de setembro daquele ano o Congresso Nacional decretou o *impeachment* do então presidente Fernando Collor. O *Brazil Today* escrevia na primeira página do seu número 31 (outubro de 1992): "Nunca o brasileiro se mobilizou tanto para comemorar o Dia da Independência nesse país. De costa à costa, os Estados Unidos viram esse povo se expressar espontaneamente numa mistura de carnaval, euforia, angústia e patriotismo. Entre comemorar o dia da Pátria e se manifestar contra o presidente, fez-se uma corrente contagiante nunca vista antes. Enquanto, pela primeira vez o Hino Nacional foi cantado em praça pública, em San Francisco, em Los Angeles houve um verdadeiro festival cultural. E New York não deixou por menos: 50 mil pessoas foram às ruas".

foi realizada no dia 4 de setembro. O prefeito de San Francisco declarou Sete de Setembro o dia do Brasil, quando a bandeira brasileira deverá permanecer hasteada frente à prefeitura. A festa tem crescido com o passar dos anos. Em 94, por exemplo, estava programada para durar das 11 às 17 horas, e passou a incorporar comida, roupas e artesanato. Com a presença do prefeito de Los Gatos, pois ainda celebrava-se a vitória da Copa do Mundo, e um representante da prefeitura de San Francisco, a cerimônia foi iniciada para terminar, após o fim dos espetáculos, com a transformação da "Union Square numa grande pista de dança por quase duas horas" com muito forró e lambada (*Brazil Today*, no. 65 setembro de 1994). Hoje, o Dia da Independência brasileira está incorporado ao calendário de brasileiros e americanos na Bay Area.

Mas, sem nenhuma dúvida, os cenários que mais visibilidade dão aos brasileiros são associados ao carnaval, o *Bay Area Brazilian Club/Friends of Brazil Carnival Ball* e a participação de diversos grupos e Escolas de Samba no carnaval de rua de San Francisco, a ser tratada na próxima seção. O grande **baile de carnaval** exclusivamente brasileiro de San Francisco (e que normalmente acompanha o calendário do carnaval no Brasil), tem sua história vinculada à iniciativa de um casal de cariocas, Mário e Aracy da Cruz - por muitos considerados os decanos da comunidade brasileira na Bay Area. Em 1968, o casal fundou o clube *Friends of Brazil* com o intuito de congregar brasileiros, organizar festas e feijoadas. A partir de 1969, festas de carnaval foram feitas, a princípio com fitas. Com o crescimento da quantidade de brasileiros, as festas tornaram-se eventos cada vez maiores. O trabalho dos músicos e dançarinos que vieram residir na área, incrementou aquele que passou a ser o maior baile de Carnaval da Califórnia. No presente, ainda organizado pelo agora *Bay Area Brazilian Club*, conta, entre os seus produtores e patrocinadores, com a Varig, Domaine Chandon, *News from Brazil Magazine*, *the Bay Guardian*, *Radio Station KIQI* e Santini Tours. Os tiquetes são vendidos em diversas cidades da *Bay Area* (San Francisco, Berkeley, Santa Clara, Hayward e San Rafael, por exemplo), atraindo milhares de pessoas como as que, em 1997, no vigésimo-oitavo baile, reuniram-se no grande recinto conhecido como Galleria, para divertirem-se com o tema "O Carnaval Encontra o Mardi Gras"⁹. Em 1994 e 1995 o tema não poderia ter sido outro: Copa do Mundo. Um concurso de elaboradas fantasias é feito durante o baile. Mas os foliões, que dançam sob uma bandeira do Brasil e de Portugal penduradas no teto do grande salão do Galleria, não podem divertir-se até o sol raiar. O baile termina necessariamente às duas da manhã. É proibida a venda de bebida alcoólica em lugares públicos após este horário e os salários extras a serem pagos aos seguranças e outros membros da organização da festa tornariam o evento inviável.

Da pequena festa ao grande baile, este tornou-se um cenário vital para a exposição do trabalho de músicos, dançarinos e grupos brasileiros como os que se apresentaram no Baile "A Noite dos Mascarados", de 1996: *The Brazilian All Star Big Band*, dirigida por Célia Malheiros; Lisa Silva; Aquarela; Fogo Na Roupas e Oxumaré. Mas, também acontece a participação de artistas, convidados especiais, que vêm diretamente do Brasil. Este foi o caso, por exemplo, de Emília Borba. Homenageada em 1995, a Rainha do Carnaval recebeu saudações oficiais de boas-vindas do prefeito de San Francisco, uma indicação do lugar conquistado pelo evento junto à cidade. Na verdade, em mais uma demonstração das interconexões entre os diversos cenários de afirmação da identidade brasileira, a vinda de

9. A lotação permitida do Galleria é de 2.500 pessoas. Em alguns anos os organizadores têm que fechar as portas para não exceder em muito este número formado, na sua grande maioria, por brasileiros.

estrelas faz parte de uma estratégia maior do *Bay Area Brazilian Club* para angariar fundos para as suas demais atividades durante o ano. O Baile de Carnaval é de longe a maior fonte de renda desta organização sem fins lucrativos que contava com aproximadamente 180 sócios em 1996, e que, além da organização do Sete de Setembro em Union Square, também está envolvida na promoção de seminários sobre imigração, mostra de filmes, exibição de artistas plásticos brasileiros, etc.

Existem outros locais que promovem festas de carnaval na Bay Area, em menor escala. Entre eles está o Bahia Cabana, em San Francisco. Em 1994, por exemplo, houve bailes no *Longshoremen's Auditorium* e em uma casa noturna de Mountain View, o Alberto's. Bailes infantis vêm sendo organizados pelo grupo Aquarela ao longo dos últimos anos. Este grupo também se apresentou, em 1996, no *Brazilian Carnival*, no Ashkenaz, localizado em Berkeley. Mas, a julgar pela lista parcial de 22 bailes de carnaval realizados nos EUA entre 10 e 24 de fevereiro de 1996 (*Brazil Today*, fevereiro de 1996), em estados como Califórnia, Michigan, Utah, Illinois, Texas, Washington, Oregon, Arizona e no Distrito de Colúmbia, só existe uma coisa mais popular do que os bailes e mesmo assim em muito com eles se confundem: as escolas de samba ou grupos vinculados à difusão do samba.

Street Samba. O Carnaval Parade de San Francisco.

O samba, e sua manifestação maior, a Escola de Samba (E.S.), são o aspecto da cultura brasileira de maior evidência em todo o mundo, já tendo penetrado inclusive o ciberespaço. A E.S. Sambalá, fundada em 1994 na Califórnia, em Long Beach, a "primeira escola de samba na Internet", patrocina e mantém a *World-Wide Samba Home Pages* e a *USA Samba Home Pages*. A *World-Wide Samba Home Pages*, "a mais completa lista de links e conexões de samba do mundo", nos apresenta escolas de samba na Alemanha, Áustria, Estados Unidos, Finlândia, Israel, Itália, Japão, México, Reino Unido e Suécia. São particularmente interessantes as fotografias das cabrochas finlandesas desfilaro com biquínis muito mais próximos aos duas-peças da década de 60 do que aos ousados fios-dentais, marca difundida do corpo e da imagem de sensualidade da brasileira. Já a *USA Samba Home Pages* apresenta 38 escolas de samba ou grupos (blocos, por exemplo) espalhados por todas as regiões do país, com nomes tais como Unidos do Back Bay (Boston), Zumbi Samba School (Washington, D.C.), Manhattan Samba Group (União da Ilha de Manhattan, Nova Iorque), Solta a Franga (Ithaca, Nova Iorque) e MILA (Mocidade Independente de Los Angeles). De acordo com esta lista, a maior concentração se dá na Bay Area, com oito destes agrupamentos. Listados como "Escolas" estão: Batú Pitú, de Oakland; Fogo na Roupa e Samba Mundial, de San Francisco. Como "Samba Groups/Blocos/Bands" aparecem: Aquarela, de Berkeley; Fusão, de Santa Cruz; Escola Nova de Samba, Ginga Brazil e *Samba Tropical Dance Group*, todos de San Francisco. Esta lista é parcial. Não inclui grupos como, por exemplo, Aluadomar, *Birds of Paradise*, Oju Obá, Samba do Coração, Voz do Brasil, que, juntamente com vários dos já citados, desfilaro no *Carnaval Parade* de 1995 e em outros.

O *Carnaval Parade* é por muitos considerado como o maior festival multicultural da Costa Oeste e dos maiores e mais diversificados desfiles de carnaval dos Estados

Unidos. Faz parte do calendário cultural de San Francisco e está diretamente ligado à lógica da segmentação étnica da Bay Area. Começou em 1979, rapidamente evoluindo para tornar-se um evento massivo, a partir de uma emergente cultura carnavalesca fragmentariamente presente entre imigrantes de várias procedências. Um grupo de salsa chamado Bacchanal, liderado pela nova-iorquina Gloria Toolsie, foi responsável, em 1977, por uma iniciativa da "pré-história" do carnaval de rua em San Francisco, um desfile com 34 pessoas na rua McAllister (Valle 1994: 7). Toolsie, uma afro-americana, descende de família de Trinidad e Tobago, onde nasceu sua tia Connie Williams que é considerada, com seus bailes da década de 60, a precursora do Carnaval em San Francisco (Barraza & Carrignan 1994: 16). Em fevereiro de 1979, um baiano, José Lorenzo, que havia participado em 1978 em um evento organizado por Toolsie, desfilou com "sua companhia de samba, Bloco Batucaje, ida e volta, com uma bateria de 15 membros de Fort Mason, pelo Aquatic Park e a Ghirardelli Square, até o Pier 39. (...) o grupo de José, fundado também por Chalo (sic) Eduardo e Rebecca Mauleon, foi a primeira escola de samba autêntica de San Francisco" (idem: 7).

Mas o principal fundador do *Carnaval Parade*, do desfile nas ruas de The Mission, o bairro latino e boêmio de San Francisco, pessoa até hoje diretamente envolvida na direção do evento, foi outro nova-iorquino que migrou para San Francisco em 1969. Marcus Gordon é um afro-americano, filho de pai jamaicano e mãe panamenha, que cresceu no bairro do Harlem onde desde criança frequentava bailes de carnaval caribenho e o *West Indies Parade*, o grande desfile de carnaval caribenho da cidade de Nova Iorque e que, posteriormente, se transferiria do Harlem para Brooklyn. Um percussionista entusiasta de ritmos africanos e um filho de Oxalá, Gordon e uma colaboradora, Adelia Chu, igualmente filha de casal panamenho-jamaicano, reuniram três grupos, com cerca de 200 pessoas. Frente a talvez 1.000 espectadores, divertiram-se tanto, desfilando ao redor do parque Precita, que resolveram repetir a experiência no ano seguinte. O primeiro desfile ocorreu durante os dias de Carnaval em fevereiro. Mas o clima não é propício nesta época do ano. Assim, os desfiles foram transferidos definitivamente para o *Memorial Day Weekend*, um fim de semana prolongado em maio. Desde o princípio, tratou-se de celebrar a alegria do Carnaval como uma característica cultural de vários povos, como um marcador de distinção, especialmente dos migrantes Caribenhos e Latino Americanos.

O rápido crescimento do desfile e da sua visibilidade levou, em 1985, à passagem da sua organização para uma rede de entidades especificamente destinada "a promover o incremento econômico e a consciência cultural da Comunidade Latina em San Francisco", a MECA - *Mission Economic and Cultural Association* (Associação Econômica e Cultural da Missão). O Carnaval passou a significar um veículo para expressar a diversidade cultural do bairro e uma fonte de renda para as atividades de diversas entidades assistenciais. A MECA é uma organização sem fins lucrativos, uma rede composta pelo *Real Alternative Program* (RAP); *Mission Neighborhood Centers, Inc.*; *Arriba Juntos*; *Instituto Familiar de la Raza*; *El Barrio de La Paz*; *Horizons Unlimited* e *The 24th Street Merchants Association*. As iniciativas e políticas desta instituição refletem a importância dos centro-americanos na vida política, econômica e cultural de The Mission. Os seus "eventos anuais multiculturais" incluem o *Cinco de Mayo* e o *Festival de las Américas*.

Em realidade, o *Carnaval Parade* é parte de um evento maior, o terceiro evento multicultural da MECA, denominado *Carnaval San Francisco* que ocupa muitas quadras de The Mission (um quadrilátero entre as ruas Bryant e Mission e entre as ruas 14 e 24),

incluindo também bailes e um grande festival/feira na rua Harrison entre as ruas 16 e 22, onde milhares de pessoas circulam entre barracas e palcos com comidas e artesanatos étnicos, dança e música caribenha, brasileira e outras. Em 1995, por exemplo, o *Carnaval Parade* foi transmitido pela TV local (KGO, canal 7, afiliada à rede ABC), atraindo multidões estimadas entre 200.000 a 500.000 pessoas. De acordo com o *San Francisco Chronicle*, no ano de 1994, 5.000 dançarinos e músicos, mais dúzias de carros alegóricos, se apresentariam no carnaval que teve um custo de produção de US\$ 1.8 milhão (Hamlin 1994). Em 1995, o *Carnaval San Francisco* foi patrocinado por um conjunto de empresas tais quais Coca Cola; AT&T; Budweiser; jornais como o *San Francisco Chronicle* e *El Mensajero*; a companhia telefônica *Pacific Bell*; a companhia de energia elétrica *PG&E*; o próprio canal de TV (KGO); emissoras de rádios; e outras firmas. Recebe também verbas da prefeitura de San Francisco¹⁰.

Conscientes do alcance global do carnaval enquanto manifestação cultural, um dos objetivos dos organizadores do desfile é emprestar à festa de San Francisco um tom internacional, único em comparação a outros carnavais do mundo. Assim, o desfile é aberto a todas as manifestações carnavalescas¹¹. Seus organizadores pensam a si mesmos como participantes da fundação de um evento que irá além das diferenças étnicas e nacionais, corporificando, esperam, as qualidades universais do carnaval. De fato, em todos estes anos o desfile tem sido um palco para grupos representativos dos estilos de dança e música da Bolívia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Cuba, Espanha, Filipinas, Jamaica, Japão, Haiti, Havai, Itália, México, Panamá, Porto Rico e Trinidad e Tobago. Até escolas de samba da Suécia e da Irlanda já desfilaram pelas ruas de The Mission. Mas os grupos caribenhos e brasileiros são os mais frequentes, maiores e mais espetaculares. No *Carnaval Parade* de 1994, por exemplo, de 52 grupos que se apresentaram, dez eram caribenhos (metade de Trinidad e Tobago) e quatorze brasileiros. São também os que mais competem pela atenção do público e pelos diversos prêmios. O cobiçado título de Rainha do Carnaval, por exemplo, é frequentemente conquistado por brasileiras e caribenhas. Em 1995 e 1996, duas brasileiras, Maria Amabilis Souza, nascida em Minas Gerais, mas criada em Goiânia, e Silvana Souza, de Goiânia, foram as eleitas. Para alguns carnavalescos brasileiros e para alguns organizadores do *Parade*, as apresentações brasileiras são as que atraem o maior número de pessoas, não apenas pela exuberância de ritmos, das fantasias e da coreografia, mas pela energia e sensualidade das mulheres brasileiras, algumas desfilando praticamente despidas. Dada a orientação da MECA ser marcada pela quase totalidade "hispanica" dos seus quadros, muitos brasileiros são da opinião que não conseguem, junto a esta instituição, o destaque e apoio necessários a suas iniciativas.

10. Para Connie Williams, a decana do carnaval caribenho em San Francisco, com 89 anos em 1994, nascida em Trinidad, tendo vivido em Nova Iorque e migrado para a Bay Area em 1956, "os primeiros carnavais tinham muito espírito comunitário e poucos estavam atrás de lucros (...) Qualquer dinheiro resultante voltava para o Carnaval ou para ajudar as pessoas (...) [ela] deplora o lucro como motivação para o envolvimento no Carnaval, enfatiza a importância de reter as raízes multiculturais (...) aconselha afastar-se da comercialização porque acha que é a antítese do espírito do Carnaval" (Barraza & Carrignan 1994: 16).

11. O desfile também agrega, ainda que minoritariamente, grupos infantis. As crianças, descendentes de migrantes caribenhos e centro-americanos (sobretudo mexicanos), apresentam manifestações folclóricas aprendidas em escolas étnicas para manter suas tradições culturais. Igualmente minoritários são grupos norte-americanos que expressam artisticamente suas posições ambientalistas ou multiculturalistas.

Brasileiros participam do *Carnaval Parade* desde o primeiro evento de 1979. Mas, há toda uma cultura interétnica ao redor do samba, exemplo claro da "intertextualidade cultural" que se desenvolve na Bay Area. Vários grupos de carnaval são liderados por brasileiros, como o *Birds of Paradise*, o Aquarela e o Oju Obá, mas contam entre os seus participantes com número significativo de norte-americanos e pessoas de outras nacionalidades. Ainda mais importante é o fato de que várias das mais destacadas agremiações são organizadas por americanos. No desfile de 1993, por exemplo, quatro dos oito grupos de samba eram liderados por "norte-americanos amantes da cultura brasileira" (*Brazil Today*, 1a. quinzena de 1993): a Escola Nova de Samba, Batú Pitú, Samba do Coração e Fogo na Roupa. Esta última reúne "brasileiros de coração" e foi fundada por Carlos Aceituno, um guatemalteco. Ganhou o segundo Grande Prêmio do carnaval de rua de 1994, com o enredo "Nosso Mundo de Cultura Brasileira" interpretado por 100 integrantes dos quais "apenas três eram brasileiros. Entre os passistas podia se encontrar pessoas de várias partes do mundo como: Peru, Colômbia, Noruega, México, Espanha, República Dominicana e Cuba. 'Somos países diferentes, mas todos amamos o Brasil. É uma ligação muito forte, difícil de explicar', afirma Aceituno, num português arrastado, mas com bom vocabulário" (Jakubiak 1994).

Essa presença expressiva de entusiastas do carnaval brasileiro se explica, parcialmente, pela transformação das escolas de samba em verdadeiras **escolas** de samba em um mercado de bens culturais ávido, como o norte-americano, por consumo etnicamente diferenciado. De fato, em San Francisco existe um número razoável de pessoas engajadas diretamente no ensino de diferentes estilos de danças, música (sobretudo percussão) e capoeira. No jornal de divulgação do *Carnaval Parade* de 1994, na seção *Carnaval Dance Classes* dos 16 anúncios de aulas, oito eram de samba e diferentes estilos baianos¹². Mais uma vez, apenas quatro professores eram brasileiros (3 baianos e um carioca). Diferentes professores de samba afirmaram que os migrantes brasileiros simplesmente assumem que sabem dançar, apesar de evidências em contrário. Assim, trata-se de um mercado eminentemente americano. São eles que vão à escola para aprender samba. Faz parte da aprendizagem, a expectativa de ser um sambista desfilando frente à multidão. O *Carnaval Parade* é a passarela onde os novos passistas têm sua prova de fogo. Porém é comum que homens brasileiros mantenham posições estratégicas nas baterias. Mais comum ainda é que as mulheres brasileiras, especialmente as destaques, se apresentem com as fantasias mais ousadas, algumas praticamente despidas, como uma "índia" que em 1993 desfilava com um tapa-sexo, um colar e pequenas faixas pintadas nos seios. Em 1994, ano em que "os corpos estiveram mais à mostra", uma mulher fantasiada de "taça de campeonato de futebol", com seu corpo pintado, portava apenas uma bola de futebol e outro minúsculo tapa-sexo (veja *Brazil Today*, 1a quinzena de 1993 e o seu "número especial" de 10 de junho de 1994).

Além de na exuberância dos ritmos e do colorido das fantasias, a visibilidade dos brasileiros é altamente apoiada na exposição do corpo feminino. Quando perguntado como estimaria o poder de atração dos grupos brasileiros no *Carnaval Parade*, um americano, um dos seus principais e mais antigos organizadores, respondeu:

12. Evidentemente este número não é indicativo da quantidade total de pessoas engajadas nestas atividades.

"Muito forte. Especialmente as mulheres, você sabe. Quero dizer, os homens gostam de ver mulheres com muito pouca roupa. E as mulheres são muito bonitas e, mesmo quando não são bonitas, você não está realmente olhando suas caras, de qualquer forma! E elas têm essas lindas fantasias. É muito atraente. De fato, se você ver a transmissão da TV, você verá que eles gastam uns trinta segundos com um grupo e depois, com uma mulher brasileira, gastam um minuto. E mostram em todos os ângulos possíveis! Isto é *sex-appeal*, também. Linda dança. Lindas mulheres".

A exposição do corpo é uma questão controvertida entre os brasileiros trabalhando com manifestações culturais em San Francisco. Alguns estão cientes do intrincado jogo de imagens de que agora formam parte. Outros acham que isto é ajustar-se a uma visão extremamente reducionista da cultura brasileira, enquanto outros, finalmente, pensam apenas que esta é a maneira como os brasileiros são, simplesmente por causa do clima tropical. Mas não há nenhuma dúvida de que este é um fator poderoso de atração tanto para a mídia quanto para o público, e que distingue francamente a participação brasileira no desfile.

Contudo, apesar do papel proeminente das Escolas de Samba no *Parade*, são muitas as reclamações da pequena assistência recebida em termos de ajuda material, financeira e organizativa. Como já mencionado, vários carnavalescos por nós entrevistados, sentem que são usados no processo. Transcrevo trecho da matéria "San Francisco em Ritmo de Samba", do *Brazil Today* (1a. quinzena de julho de 1993):

"Apesar deste carnaval ser produzido pelo MECA e patrocinado por grandes empresas, os participantes não recebem ajuda financeira do MECA, e cada um se vira como pode. Para driblar o alto custo de uma apresentação, os foliões têm mesmo é de "rebolar", não só na avenida, mas também na hora de pagar as contas. (...) 'Eu só participo, porque, para mim, dançar é como voltar para casa', diz Conceição Damasceno, diretora do Ginga Brasil. E não faltam também as reclamações contra o MECA: 'Eles usam o nome do Brasil e puxam os interesses para os grupos hispânicos', continua ela. A coreógrafa e estilista do Aquarela, Maria Souza, completa: 'O MECA deveria ajudar mais as escolas, pois o esforço individual é muito grande. Nós ensaiamos vários meses, fazemos nossas fantasias e cobramos uma taxa de inscrição entre os membros do grupo, temos de cobrar entradas nos ensaios e ainda assim dependemos de patrocínio'" (Barandier 1993: 9).

São igualmente dignas de destaque as afirmações e intenções de dirigentes da E.S. MILA (Mocidade Independente de Los Angeles) que também participa do *Carnaval Parade*. Em 1994 propôs a criação de uma liga de escolas da Califórnia pois que, dentre outras coisas, poderia se transformar em grupo de pressão junto à MECA para a liberação de verbas e divisão de "lucros obtidos com patrocínios e televisionamento". Para eles, na MILA "já se sente a necessidade de se organizar mais como uma empresa do que apenas como escola de samba, para atuar, além de desfiles, também na área cultural" (*Brazil Today*, 2a. quinzena de março de 1994).

Há que relembrar que o samba é uma atividade interétnica em San Francisco, uma

atividade associada não apenas à difusão da imagem do Brasil ou à construção da identidade brasileira, mas também ao engajamento de pessoas de outras nacionalidades nesta forma de expressão cultural. Mais importante é o fato de tratar-se de uma atividade também associada à formação de renda tanto para brasileiros quanto para outros. Vemos aqui um entremeado de cultura, economia e afirmação ou pretensão a direitos baseadas em apropriações da cultura "nacional" brasileira. Assim, os brasileiros lutam pela apropriação de um capital cultural, em uma situação marcada pelas apropriações feitas por outros segmentos étnicos, sob a égide organizativa e política de uma entidade claramente orientada por suas características hispânicas. Isto nos leva a crer que no âmbito do cenário mais público e visível de processamento e afirmação da identidade brasileira na Bay Area, dado o caráter tipicamente interétnico do contexto, encontramos-nos diante de um processo que envolve, potencialmente, a formação de uma consciência política sobre o lugar dos brasileiros na segmentação étnica norte-americana, um lugar que é sempre objeto de disputas e conflitos¹³.

Construindo a Comunidade Imaginada Brasileira.

O *Carnaval Parade* de San Francisco é um grande ritual de afirmação étnica, estruturalmente similar a muitos outros existentes em diferentes cidades americanas. A segmentação étnica norte-americana implica em uma disputa permanente por visibilidade na cena política, econômica e cultural mais ampla. Em um país onde a "política da identidade", com os seus diferentes acessos a benefícios públicos e privados, é comandada por uma elite branca e anglo-saxã, os diversos segmentos étnicos tornam visíveis seus pleitos por diferentes heranças culturais para adquirir marcas distintivas e acumular capital político e simbólico como atores internamente a um universo onde é forte a ideologia política do multiculturalismo¹⁴. Cultura, aqui, adquire sua mais óbvia importância política. Ao congregarem através de manifestações culturais, atores político-culturais mostram não apenas a riqueza de suas culturas mas também seus números e seus presumidos pesos econômicos e políticos. Entretanto, tudo isto acontece em um contexto historicamente construído, onde as regras das relações interétnicas são formadas em uma sequência de

13. Existem outros âmbitos, certamente menos visíveis, onde confrontações apontam para a formação de um sentido de "ser brasileiro" na Bay Area. Refiro-me, sobretudo, à importância econômica adquirida pelos brasileiros no mercado de *fast-food*, com suas pizzarias. Um dos maiores empresários brasileiros nesta área afirmou que sentia, sobretudo em grandes negociações de insumos para a sua cadeia, um certo temor por parte de empresários norte-americanos de que os "brasileiros" viessem a dominar esta importante faixa de negócios. Veja-se, por exemplo, matéria sobre o caso, intitulada "Goiano Acusado de Chefiar Máfia da Pizza nos EUA", no jornal "O Popular", de Goiânia, em 29 de março de 1998.

14. Uma definição drasticamente simplificada de "política da identidade" referir-se-ia ao ambiente, muito típico do universo político e jurídico nos Estados Unidos (mas, evidentemente, não restrito a este país), onde grupos e pessoas, por pertencerem a categorias definidas por gênero, raça, etnia, orientação sexual, etc., podem ter acesso a tratamentos e benefícios diferenciados. Trata-se de uma forma de lutar contra preconceitos e de regular as diferenças políticas e econômicas neles baseadas. Já "multiculturalismo", categoria político-ideológica bastante próxima à discussão sobre política da identidade, refere-se à necessidade de se considerar a pluralidade e validade das heranças culturais no processo de formação da nação. É um tópico altamente relacionado à questão migratória e à complexidade étnica dela decorrente.

alianças e conflitos mantidos com outros segmentos étnicos. Este mesmo contexto cria os constrangimentos através dos quais os interlocutores válidos têm que navegar para qualificarem-se enquanto atores reconhecidos. Um elemento extremamente poderoso dentre estes constrangimentos é a imagem recebida e difundida de uma dada cultura.

O caso brasileiro não deixa de ser exemplar. Identificados como energéticos, alegres, sensuais e exuberantes, os brasileiros, inseridos em uma situação interétnica na posição de minoria, defrontam-se com questões de política da identidade sobre as quais ainda não têm maior experiência ou consciência. Ao fazerem parte de um grande e complexo cenário de afirmação étnica, como o *Carnaval Parade*, onde não controlam os termos da organização do ritual como um todo, nem dos seus objetivos e benefícios, encontram-se na posição de parceiros desprovidos de poder (daí as frequentes reclamações). É compreensível, diante do tamanho das populações e da profundidade histórica das experiências migratórias e interétnicas, que caribenhos e centro-americanos ocupem lugar predominante neste contexto. Resta aos brasileiros, relativamente recém-chegados ao cenário, buscar uma compreensão maior do que significa ser minoria em uma situação sócio-política e econômica tão trespassada por marcadores de raça e etnicidade. Trata-se de um processo relativamente difícil para pessoas socializadas sob a forte influência de ideologias raciais que aparentemente diluem as diferenças, tornando-as quase que exclusivamente fontes de tabu ou de conversações jocosas. É um processo em curso. O que está em jogo são as relações entre os contornos da(s) identidade(s) brasileira(s) na Bay Area e a formação de uma comunidade imaginada que costure um sentido de cidadania em um contexto interétnico.

A existência de uma "imprensa brasileira nos Estados Unidos" tem um papel fundamental neste processo, ao criar, via meios linguísticos, uma coletividade de participantes recobertos pelo mesmo guarda-chuva simbólico. A crescente importância da imprensa étnica nos EUA mostra que este terreno, além de ser importante política e culturalmente, também o é economicamente. Um levantamento incompleto da mídia étnica em Nova Iorque apontava para a existência de 143 jornais e revistas, 22 estações de televisão e 12 de rádio, em mais de 30 línguas (Dugger 1997). O crescimento de uma classe média "latina", um mercado calculado em US\$ 250 bilhões de dólares anuais, leva revistas populares como *People* a ter uma edição em espanhol, e a um aumento notável na imprensa hispânica (Arana-Ward 1996). Apenas em Nova Iorque, estima-se que a mídia em espanhol, das mais importantes, seja composta ao menos por 56 publicações, duas televisões locais (afiliadas a redes) e 5 estações de rádio (Ojito 1997). Para nós, a relevância da imprensa hispânica torna-se maior, sobretudo da televisão, quando consideramos que muitos brasileiros que não falam inglês assistem a canais hispânicos, alguns dos quais incluem notícias e outros materiais sobre o Brasil.

É igualmente notável o aumento do número de jornais, revistas, boletins, programas de rádio e de TV a cabo brasileiros. Uma lista parcial de publicações brasileiras nos EUA incluiria: *Balcão USA*, *Brazilian Voice* (Newark, Nova Jérsei); *Brazilian Press*, *Portugal Brasil News Inc.*, *Samba Newsletter*, *The Brazilians* (New York); *Brazil in Review* (Kew Gardens, Nova Iorque); *Brazilian Times* (Somerville, Massachusetts); *Jornal dos Sports* (Cambridge, Massachusetts); *Florida Review* (Miami, Florida); *Greencard* (Fort Lauderdale, Florida); *Brazil Today* (El Cerrito, Califórnia); *News from Brazil*, *Brazzil - International Monthly Magazine in English* (Los Angeles, Califórnia); *Jornal Brasileiro* do

Vale (Fresno, Califórnia)¹⁵. Em Los Angeles, por exemplo, existe o "Brazil TV", programa a cabo, em diversos canais. O jornal *Brazil Today*, da Bay Area de San Francisco, e o principal jornal brasileiro da Costa Oeste, traz como seu lema ser "*committed to keeping the Portuguese language alive in the USA*". Esta aparente dubiedade de se comprometer em inglês com o idioma português, é bastante apropriada, trata-se de um reflexo fiel da ambiguidade permanente com que os migrantes se defrontam. Se, por um lado, é fundamental a consciência de sua particularidade, por outro, é necessário o domínio da língua, legislação e outras características políticas, econômicas e culturais locais para qualquer inserção mais profunda na sociedade norte-americana.

Iniciativas do Estado brasileiro, admitindo o voto do brasileiro no exterior, estabelecendo a dupla nacionalidade e criando os Conselhos de Cidadãos, como parte do "Programa de Apoio aos Brasileiros no Exterior" (lançado em 1995 pelo Ministério das Relações Exteriores), certamente são indicativas do reconhecimento da importância da população de emigrantes. Cabe lembrar que, juntamente com o crescimento da demanda sobre os serviços consulares (Lannoy 1995), um dos fatores que mais chamou a atenção para a "diáspora" brasileira foi o tamanho do volume das remessas para o Brasil, estimado em US\$ 4 bilhões, pelo Ministério da Fazenda, para o ano de 1995 (*Brazil Watch*, 21 de Outubro-4 de Novembro de 1996, veja também Gaspari 1995). Ao mesmo tempo, aumenta o eleitorado brasileiro cadastrado no exterior. Em 1994, foi calculado em cerca de 40.000 pessoas, um crescimento significativo dos estimados 18.000, em 1990. Para as eleições de 1994, os Estados Unidos foi o país com a maior quantidade de eleitores, quando 10.674 pessoas regularizaram suas situações junto aos Consulados (*Brazil Today*, 2a quinzena de setembro de 1994). Em San Francisco, onde uma campanha de cadastramento foi realizada, 692 eleitores compareceram ao Consulado em 94 (*Brazil Today*, 1a. quinzena de outubro de 1994). Foi a quinta cidade, após Nova Iorque, Washington, Boston e Miami, com o maior número de votantes.

Sendo a votação um dos momentos mais claros de exercício da cidadania, estas oportunidades representam para o migrante um canal privilegiado da sensação de ser membro de uma comunidade nacional. Contudo, mais uma vez, a ambiguidade surge claramente como demonstram as diferentes explicações dos eleitores para os seus comparecimentos no Consulado em San Francisco: "a maioria fazia questão de afirmar que estava feliz de estar ali exercitando a sua cidadania e patriotismo. (...) Outros, indiferentes, apenas cumpriam a lei, temendo perder o direito ao passaporte ou ter algum problema com as autoridades ao regressarem ao Brasil. Uma minoria, todavia, externava seu descontentamento por ser obrigada a estar ali 'votando para candidatos desconhecidos que irão governar um país onde eu já não compro mais meu pão e leite'" (*Brazil Today*, 1a. quinzena de outubro de 1994).

Muito mais intensamente do que as esporádicas eleições, a presença de um corpo permanente, como o **Conselho de Cidadãos**, vinculado tanto à comunidade de migrantes quanto à representação do Estado brasileiro, pode transformar-se em um veículo para o desenvolvimento do sentido comunitário e das particularidades políticas e culturais dos

15. Aqui estão incluídos, ao lado de boletins, jornais estabelecidos e com circulação relativamente ampla. Algumas dessas publicações são editadas em inglês ou em ambas as línguas. Não são necessariamente propriedade de brasileiros. O *Greencard*, por exemplo, é de propriedade de um advogado americano, especializado em problemas de imigrantes e que tem se dedicado a causas de brasileiros.

brasileiros no exterior. Este seu poder relaciona-se com a forma em que se compõe e dinamiza cada Conselho, algo praticamente impossível de avaliar no presente tendo em vista que os Conselhos são uma iniciativa recente. O Conselho de Cidadãos de San Francisco foi o terceiro a ter existência, após o de Tóquio e o de Nova Iorque, tendo sido, em 10 de março de 1996, o único instalado diretamente pelo Presidente da República. Os seus 15 membros têm mandato de um ano e eram representativos dos principais setores e organizações que contam com a participação de brasileiros, em especial, na Bay Area¹⁶. Encontram-se, assim, lideranças das seguintes entidades: *Rainforest Action Network* (Programa Amazônia), Associação de Estudantes Brasileiros em Stanford, *Brazil Society of Northern California*, *Bay Area Brazilian Club* e o *Brazilian Cultural Movement*. Também têm assento empresários brasileiros, como os proprietários de uma agência de turismo e de um restaurante, a diretora do *Brazil Today*, uma advogada, uma jornalista, um professor da Universidade da Califórnia em Berkeley e um pastor. Juntam-se a eles a fundadora da primeira associação brasileira em San Francisco, um motorista de táxi e um empregado de pizzaria que é também uma liderança junto aos futebolistas da área. Presidido pelo cônsul-geral, o conselho tem por objetivo básico "facilitar o diálogo entre os brasileiros desta região com o consulado. (...) os conselheiros têm como missão ouvir e levar para suas reuniões de trabalho (trimestrais) todas as sugestões ou reivindicações da comunidade. Sem poder de decisão, o conselho é um órgão de assessoria. Ao levar idéias para o consulado, o conselho pode, no entanto, acelerar ou facilitar pequenas ou grandes decisões em favor dos brasileiros" (Conselho de Cidadãos, Boletim no.1, Março-julho 1996). Até novembro de 1996, por iniciativa do Conselho, uma série de "cartilhas" foi editada e distribuída. Entre seus títulos encontram-se: "Cartilha Consular para Orientação dos Cidadãos Brasileiros" (sobre serviços consulares e outras informações importantes), "Questões Trabalhistas" (sobre direitos básicos como trabalhador e discriminação), "Serviços de Saúde", "Serviços de Educação", "Situações de Emergência" (para terremotos) e "Informações sobre AIDS".

Contudo, há que explorar formas de aprofundar novos sentidos de cidadania mais adequados à vulnerabilidade e ambiguidade dos emigrantes, com suas identidades fragmentadas. O Conselho dos Cidadãos, por exemplo, pode ser aperfeiçoado. O mandato de um ano apenas para os conselheiros é insuficiente tanto para que se sedimente um sentido de grupo necessário para seu melhor funcionamento quanto para que a experiência de cada um dos seus integrantes possa ser maximizada. Um mandato de dois ou três anos seria uma solução simples. O ideal seria que parte de seus membros tivesse mandatos terminando em momentos diferentes, para manter os elos de transmissão da memória do Conselho. Mais ainda, o aspecto mais frágil do Conselho de Cidadãos encontra-se no fato dos conselheiros serem apontados pelo Cônsul, um poder que, fatalmente, embute um problema de legitimidade à sua engenharia institucional. Porém, a eleição de conselheiros é extremamente difícil, dada as características reais de uma população que vive dispersa e sob a cultura do ilegal. O alto absentismo seria previsível e desembocaria em um problema de representatividade que, provavelmente, redundaria, de novo, em problemas de legitimidade. Estamos claramente diante de um impasse que tem origens claras. Os Conselhos são pensados, e não poderia deixar de ser assim, tendo em vista o contexto onde

16. A maior parte dos membros do Conselho residia na Bay Area. Dois "interlocutores do conselho" vinham de outras áreas. Uma, a sra. Glória Brown, da cidade de Seattle, no estado de Washington. Outro, o sr. Paulo Sato, do Vale Central da Califórnia.

são gerados e administrados, dentro do quadro típico das formas de pensar representação política para cidadãos internamente a um Estado-Nação. Há, portanto, uma defasagem entre a realidade sociológica das pessoas às quais os Conselhos se destinam enquanto solução e a própria engenharia institucional dos mesmos.

Não por isto, há que extinguir os Conselhos. De fato representam um canal, portanto um avanço, entre partes intervenientes no "drama do imigrante" que é composto pelo menos por dois Estados nacionais e segmentos das comunidades de migrantes. Mas uma política de cidadania para emigrantes/imigrantes/migrantes no mundo transnacionalizado requer transformações de bases muito mais profundas. Requer uma redefinição mesmo de como as elites políticas e administrativas do Estado nacional (em especial aquelas diretamente vinculadas aos problema, como diplomatas e outros membros do Executivo, parlamentares, acadêmicos, etc.) pensam esta questão. Chegou o momento de assumir que globalização não deve ser um processo que beneficie apenas a circulação de mercadorias e informação (para uma discussão sobre vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania, veja Ribeiro 1998).

Qualquer que seja o ângulo, do Estado, dos brasileiros que saem ou dos que ficam, a migração para o exterior produz, e continuará produzindo, impactos diferenciados nas formas de pensar o Brasil como estado-nação. Espero que este trabalho possa ser tomado como um índice da complexidade do assunto e da necessidade de mais pesquisas sobre o tema.

Referências

- Albert, Bruce
1995 "O Ouro Canibal e a Queda do Céu: Uma Crítica Xamânica da Economia Política da Natureza". **Série Antropologia**. Number 174. Brasília. Universidade de Brasília.
- Anderson, Benedict
1991 **Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism**. Revised ed. London. Verso.
- Arana-Ward, Marie
1996 "Magazines, Latinos Find Themselves on the Same Page". **Washington Post**, 5 de dezembro de 1996.
- Barandier, Sílvia
1993 "San Francisco em ritmo de samba". *Brazil Today*, 1a. quinzena de julho de 1993.
- Barraza, Isabel & D. A. Carrignan
1994 "Roots. Carnaval, Community Spirit and Connie Williams". Fifteenth Annual San Francisco 94, **San Francisco Weekly**.
- Basch, Linda & Nina Glick Schiller, Cristina Szanton Blanc
1994 **Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States**. Langhorne. Gordon & Breach.
- Brazil Watch
1996 "Brazilians Overseas. The Rise Tiding of Brazilian Emigration is Impacting Foreign Markets and Even the Balance of Payments", **Brazil Watch** 13 (21): 7-10.
- Dugger, Celia
1997 "A Tower of Babel, in Wood Pulp". **The New York Times**, 19 de janeiro de 1997.
- Gaspari, Elio
1995 "A Diáspora Enjeitada". **O Estado de São Paulo**, 9 de agosto de 1995.
- Gemperlein, Joyce
1994 "Los Gatos Takes on Flavors of Brazil". **San Jose Mercury News**, 15 de junho de 1994.
- Hamlin, Jesse
1994 "City's Carnaval Lights Up the Sky". **San Francisco Chronicle**, 26 de maio de 1994.
- Hutchinson, Sue
1994 "U.S. fans have a lesson to learn from Brazilians". **San Jose Mercury News**, 08 de julho de 1994.
- Jakubiak, Márcia
1994 "A Magia Carnavalesca". *Brazil Today*, 2a quinzena de junho de 1994.

Lannoy, Carlos de

- 1995 "Sufoco no Exterior: Itamaraty Cria Serviço para Resolver os Dramas de Centenas de Turistas e de Residentes Brasileiros". **Correio Braziliense**, 24 de setembro de 1995.

Ojito, Mirta

- 1997 "The Spanish Media: Neighborhood News Spanning a Continent". **The New York Times**, 19 de janeiro de 1997.

Ribeiro, Gustavo Lins

- 1998 "Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, Ambiguidade e Cidadania Transnacional". **Série Antropologia** no. 235, Universidade de Brasília.

Sietsema, Tom

- 1994 "A Visit to Brazil, Without Leaving Town". **San Francisco Chronicle**, 13 de abril de 1994.

Valle, D. Maisa

- 1994 "Spanning the Globe. The spirit of Carnaval San Francisco - past, present and future" . **San Francisco Weekly**, número especial, *Carnaval San Francisco 1994*.

SÉRIE ANTROPOLOGIA

Últimos títulos publicados

227. WOORTMANN, Klaas Axel A.W. O Selvagem e a História. Primeira Parte: Os antigos e os medievais. 1997.
228. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. Between Justice and Solidarity: The Dilemma of Citizenship Rights in Brazil and the USA. 1997.
229. PEIRANO, Mariza G.S. Where is Anthropology?. 1997.
230. PEIRANO, Mariza G.S. Continuity, integration and expanding horizons. Stanley J. Tambiah (interviewed by Mariza Peirano). 1997.
231. PEIRANO, Mariza G.S. Três Ensaio Breves. 1997.
232. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. Democracia, Hierarquia e Cultura no Quebec. 1997.
233. SEGATO, Rita Laura. Ethnic Paradigms: Brazil and the U.S. 1998.
234. SEGATO, Rita Laura. Alteridades históricas/Identities políticas: una crítica a las certezas del pluralismo global. 1998.
235. RIBEIRO, Gustavo Lins. Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, Ambiguidade e Cidadania Transnacional. 1998.
236. SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. 1998.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília
70910-900 — Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368

Fone/Fax: (061) 273-3264